

Grupos Focais

BARBOUR, Rosaline.
Porto Alegre: Artmed, 2009.

► Rosenilda Moura da Silva*

A obra Grupos Focais faz parte da *Coleção Pesquisa Qualitativa*, coordenada por Uwe Flick. É composta por seis livros, como um recurso necessário aos pesquisadores que desejam planejar, conduzir e executar a pesquisa qualitativa. Os grupos focais são uma importante abordagem nesse enfoque de pesquisa, principalmente nas investigações de mercado e saúde.

O livro objetiva apresentar sugestões de como obter amostragem a partir de uma pesquisa qualitativa com grupos focais, seus significados e implicações éticas. Sua introdução é feita pelo coordenador que faz as seguintes indagações: o que é e por que se faz a pesquisa qualitativa? Ele identifica algumas características nesse tipo de investigação, tais quais: a análise de experiências com indivíduos ou grupos, o exame de interações e comunicações em desenvolvimento e a investigação de documentos para apresentar o ponto em comum dessas abordagens. Ainda oferece uma lista de atributos comuns na forma como a pesquisa qualitativa é feita, além de divulgar os assuntos relativos aos demais livros que compõem a coleção.

Após a introdução, Barbour estabelece a definição de grupo focal como sendo, resumidamente, “entrevista de grupo” e faz um delineamento da obra apresentando seus capítulos em agrupamentos por assunto. Os três primeiros contextualizam a pesquisa com grupos focais. A parte intermediária aborda o planejamento e o estabelecimento de um estudo com grupos focais. A partir do sétimo capítulo são levantadas questões éticas, tipos de dados proporcionados pelos grupos focais, análise de dados, desafios reflexivos da análise e, finalmente, limitações e possibilidades.

* Doutoranda em Educação, Universidade Católica de Brasília (UCB); Mestre em Psicologia (UCB); Pós-Graduada em Educação Sexual, Centro Universitário de Brasília (CEUB); Especialista em Terapia Sexual, Instituto de Terapia e Pesquisas Clínicas (ITPC) e Psicologia da Saúde e Hospitalar, Instituto de Ensino e Pesquisa, Associação de Combate ao Câncer em Goiás (ACCGo/IEP). E-mail: rosems.sexologia@gmail.com.

Depois, a autora realiza um levantamento dos antecedentes históricos dos grupos focais refletindo sobre o seu uso na emissão de mensagens, *marketing* e relações públicas. Menciona a popularidade do método em pesquisa do desenvolvimento organizacional e aborda questões relativas à busca de métodos participativos no desenvolvimento comunitário. Também faz referência à pesquisa com serviços de saúde e pesquisa nas ciências sociais, enfocando o uso de grupos focais em diferentes disciplinas acadêmicas.

A compreensão de quando devemos ou não usar os grupos focais, o conhecimento das razões particulares para usá-los e a compreensão da avaliação das vantagens e desvantagens desse método de estudo constituem os objetivos dos *usos e abusos dos grupos focais*. Assim, são examinados, de maneira crítica, os usos empregados na fase exploratória de estudos de método misto. Existem também variados exemplos de grupos focais que são usados na fase preliminar de estudos para o desenvolvimento de itens que deverão constar em questionários e do uso da adaptação de questionários para outras populações.

Os grupos focais têm sido utilizados na investigação com minorias étnicas, na projeção de metodologias em questionários culturalmente delicados e na formulação de questões de contextos relevantes. Isso sem falar na avaliação de instrumentos de pesquisa estatística, embora tal exercício não seja recomendado aos pesquisadores menos corajosos. Contudo, o uso inadequado e demasiadamente exaltado do método poderá ameaçar sensivelmente os objetivos constituintes dos grupos.

Os grupos focais não são uma primeira escolha quando o estudo for individual. Os estudos de caso¹ parecem mais adequados, uma vez que a natureza das discussões tenderá se desenvolver sequencialmente, como em uma entrevista individual. Também não são apropriados para avaliar atitudes, tampouco para realizar generalizações estatísticas a partir de dados coletados. Por outro lado, o grupo focal poderá ser utilizado em situações nas quais os sujeitos da pesquisa considerem as interações cara a cara constrangedoras².

1 STAKE, Robert E. A arte da investigação com estudos de caso. Coimbra: Fundação Gulbenkian, 2007.

2 Neste ponto do livro, particularmente, não apreciamos o termo indivíduos "relutantes", empregado pela autora, nem mesmo quando aparecem entre aspas, pois pode passar a impressão de que o indivíduo não deseja colaborar com a pesquisa, além do rótulo empregado a esse padrão de comportamento.

Assim, o emprego desse método poderá: resultar em projetos de pesquisa pouco relevantes e produtivos, principalmente quando a avaliação de custos e oportunidades do uso dos grupos focais for mal empregada; promover o acesso a respostas durante o desenrolar dos eventos; e abordar questões do tipo “por que não...”, especialmente para investigar a não aceitação ou a não adesão nos serviços de saúde. Seja qual for a circunstância é aconselhável a sua adequação aos projetos de questionários e metodologias culturalmente apropriados.

Barbour aborda os *fundamentos* epistemológicos dos diferentes usos dos grupos focais, buscando as principais tradições filosóficas e metodológicas para esse método de pesquisa. Ela nos informa que os grupos focais possuem características em comum com outros métodos qualitativos, apesar de apresentarem alguns desafios³ a serem enfrentados, tal qual o equívoco da tentativa de se mensurar atitudes individuais a partir de discussões de um grupo focal.

Outro desafio, oriundo da abordagem positivista, é a preocupação com o participante em falar a verdade. Barbour (2009, p. 62) também discorre sobre o valor agregado pelo uso de grupos focais que “proporcionam uma oportunidade de gerar dados que são bons candidatos à análise pela abordagem do interacionismo simbólico, que enfatiza a construção ativa do significado”. Isso nos leva a afirmar que os grupos focais se inserem no paradigma geral da pesquisa qualitativa.

Em *projeto de pesquisa*, Barbour delinea as alternativas de organização do planejamento de pesquisa. Um dos seus objetivos é compreender a lógica de se fazer uso de grupos focais ou de entrevistas individuais. A autora alerta para o fato de não existirem regras prontas e a decisão de escolha dependerá do tipo de projeto a ser apresentado. A combinação bem sucedida de entrevistas individuais e discussões de grupos focais é chamada de abordagens de método misto. A autora cita diversos estudos onde se emprega esse tipo de abordagem. A realização da triangulação, frequentemente, é utilizada em projeto de método misto, para que os dados sejam comparados no sentido de confirmar ou contradizer os resultados.

3 Essa parte do livro parece um prolongamento aprofundado do capítulo anterior, em que são abordados os usos dos grupos focais de forma mais aprofundada.

Barbour ainda destaca: os ambientes de pesquisa, apontando a necessidade de flexibilidade dos pesquisadores com relação ao espaço; a combinação do moderador com o grupo, indicando o impacto causado pela personalidade do pesquisador na forma e conteúdo dos dados eliciados nos grupos focais; e o recrutamento, refletindo as decisões éticas e pragmáticas desse processo.

As estratégias de *amostragem* proporcionam a chave para as possíveis comparações de sua base de dados. Essa parte do livro fornece orientações acerca da composição do grupo e sobre o emprego de grupos preexistentes. Também avalia questões éticas para desenvolver estratégias de amostragem e convocação de grupos.

Na amostragem intencional ou teórica ao invés de obter representatividade, o objetivo é refletir a diversidade. Quanto ao tamanho e número dos grupos, isso é determinado pelas comparações que o pesquisador deseja realizar, inexistindo uma norma ou regra para tal. Nos quadros amostrais e o potencial para a comparação, é apresentado um quadro que mostra o desenvolvimento de uma estratégia de amostragem. No papel da serendipidade⁴, uma palavra de conforto “pode ser derivada da observação de que é igualmente improvável que se faça tudo errado” (BARBOUR, 2009, p. 92). Apesar dos financiamentos e prazos curtos para os projetos, os pesquisadores, quando possível, devem retornar ao campo para testar as hipóteses emergentes. Por último, é aconselhável que haja, preferencialmente, o recrutamento de grupos estranhos ao invés de grupos preexistentes.

Quanto às *questões práticas de planejamento e execução de grupos focais*, são fornecidas orientações sobre decisões e habilidades implicadas nas sessões, no registro de discussões, nas anotações e nas transcrições. A autora inicia com o estabelecimento da ambientação em que ressalta os critérios de privacidade e confidencialidade. Ressalta a importância da utilização de equipamentos de gravação de boa qualidade para se construir uma transcrição capaz de capturar os *insights* referentes aos moderadores, aos participantes individuais e às dinâmicas do grupo.

4 Neologismo que se refere às descobertas afortunadas feitas, aparentemente, por acaso. Consultado em: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário eletrônico Aurélio. Curitiba: Positivo Informática, 2004. Versão 5.0.

No que diz respeito às habilidades dos moderadores, Barbour acredita que os pesquisadores precisam examinar continuamente seus próprios pressupostos acerca do grau de poder que exercem sobre os elementos do grupo, lembrando que a tarefa primordial é a facilitação e não o controle. Antes de encerrar esta parte, ela estabelece uma reflexão em torno do desenvolvimento e uso de guias de tópicos, dos tipos de materiais de estímulo para grupos focais e do emprego de grupos focais para desenvolver os próprios materiais de estímulo.

A *ética* e o *comprometimento* são os elementos do livro que recapitulam e expandem as questões éticas durante o processo de criação, condução e encerramento do grupo focal. Em outras palavras, são examinadas “as razões pelas quais as pessoas concordem em participar de nossa pesquisa e as responsabilidades da equipe de pesquisa em termos de reciprocidade” (BARBOUR, 2009, p. 123). Quando Barbour se refere ao impacto da participação no grupo focal, ela afirma que uma das razões para a aceitação dos participantes pode ser o elemento catártico⁵, apesar de não se saber ao certo seus motivos⁶.

A autora aponta a relevância de se fazer esclarecimentos finais com os participantes antes do encerramento de uma sessão com o grupo focal, ressaltando a necessidade do pesquisador em ter acesso a uma supervisão⁷ que discuta os pensamentos e sentimentos do pesquisador após a exposição ao trabalho de campo. Também faz considerações especiais e desafios a serem enfrentados pelos pesquisadores, sobretudo com grupos vulneráveis e pesquisas transculturais.

O objetivo da *produção de dados* é ter uma noção do que deve ser realizado no início de um grupo focal para que possa ter uma sequência e funcionar. Quais são as questões práticas envolvidas no direcionamento do grupo? Como manter o foco na comparação? Essas são algumas indagações promotoras de *insights* para a habilidade de gerar dados qualitativos, respondidas ao longo do capítulo. Assim, os grupos focais

5 O termo “catarse” foi amplamente utilizado por Freud e, na psicologia, o “elemento catártico” é o efeito salutar provocado pela conscientização de uma lembrança fortemente emocional e/ou traumatizante, até então reprimida.

6 Sugerimos uma pesquisa com o método do grupo focal para a análise dessas possibilidades.

7 Tal como ocorre com os psicoterapeutas que recorrem a seus supervisores para, principalmente, serem trabalhadas as questões emocionais inconscientes que atravessam aspectos cognitivos da relação entre o psicólogo e o(s) indivíduo(s) que busca(m) ajuda.

constituem um importante caminho para a investigação de como as pessoas formam as suas visões e o moderador deve preocupar-se com o estímulo ao debate para que discussões dinâmicas possam ser favorecidas nas transcrições.

Além disso, o acesso a paradigmas culturais deve ocorrer com o aproveitamento de referências culturais compartilhadas. O moderador deve ir à busca de esclarecimento antes de presumir a compreensão das discussões. Possivelmente, a preservação do foco e o direcionamento da discussão levarão à situação de obtenção de respostas espontâneas. Também o pesquisador não deve possuir a intenção de extrair “tudo” de seus grupos focais. Isso servirá para o favorecimento da reflexão comparativa e antecipação da análise.

A sugestão de que o investigador gere, inicialmente, seus próprios dados, junto a um grupo de amigos ou colegas, é fornecida na parte *compreendendo os dados do grupo focal*. Apesar de Barbour objetivar a compreensão do papel dos modelos de codificação e a percepção da relevância da teoria fundamentada como uma abordagem para a codificação e análise, talvez essa seja a parte mais confusa do livro.

Sabemos que os métodos qualitativos fornecem *insights* de construções sociais realizadas pelos participantes do grupo e que o papel de abordagens individuais e estilos de aprendizagem servem de base para a diferença dos códigos *a priori* e os códigos *in-vivo* dos pesquisadores. Daí, a necessidade de se empregar uma versão pragmática da teoria fundamentada.

A autora sugere um guia de tópicos em formato de roteiro para testar a situação escolhida na discussão do grupo, o que poderá ser feito como uma espécie de ensaio para a produção de dados com os grupos focais. Depois, ela tenta explicar a criação de uma codificação de categorias provisória, alertando, novamente, que não há um jeito certo ou errado para isso.

Para muitos pesquisadores, usar o método do grupo focal é equivalente a usar uma abordagem de análise de dados que segue a teoria fundamentada baseada no uso de categorias geradas pelos participantes. Nesse ponto, a autora aborda a necessidade de revisão da codificação de categorias pelos pesquisadores e a questão da modelagem de

paradigmas codificadores. Ao final, fornece orientações úteis a respeito da extração de sentido dos dados.

Os desafios analíticos na pesquisa com grupos focais consistem na apreciação das questões associadas a uma análise mais profunda, na compreensão das características do grupo que ultrapassam a análise, na interpretação do silêncio e complexidades da análise e na compreensão de identificação de padrões nas discussões. Para isso, Barbour cita o uso de interações e dinâmicas de grupo para vantagem analítica, chamando a atenção de que “grandes dividendos podem ser obtidos ao se prestar a devida atenção ao que está acontecendo durante um momento de interação, uma vez que o todo pode ser infinitamente maior que a soma das partes” (p. 166).

A autora também convoca o pesquisador a observação dos seguintes aspectos: o cuidado de não usar o trecho fora de contexto; a atenção ao que está acontecendo na dinâmica do grupo; prestar atenção às vozes individuais; refletir sobre as diferenças entre grupos no sentido de, possivelmente, terem explicações embasadas nas decisões de amostragem do pesquisador; identificar o esclarecimento das similaridades inesperadas entre os grupos, tais quais as diferenças; usar algum tipo de contagem; reconhecer a importância dos silêncios como sendo esclarecedores e, por fim, usar reflexivamente as próprias reações a extratos das discussões de grupo focal.

Barbour encerra sua obra com o *desenvolvimento de grupos focais*, refletindo como os grupos podem ser usados plenamente, além de delinear algumas limitações e enfatizar a possibilidade de um foco comparativo com o objetivo final de aprimorar a sofisticação analítica. A autora faz referência à apresentação de verificações dos grupos focais no sentido de torna-los transferíveis. E, antes de tecer os comentários finais acerca dos fundamentos filosóficos e epistemológicos dos grupos focais como um método qualitativo, ela apresenta os últimos desenvolvimentos mais promissores, como o uso de grupos virtuais na coleta de dados *on line*.

Encerrando, o livro deixa a ideia de que “não há substituto para projetos bem pensados cujos planejamentos de pesquisa permitam que os grupos focais sejam usados em suas máximas potencialidades” (BARBOUR, 2009, p. 193). Contudo, ressaltamos que a autora poderia ter utilizado períodos menos longos para a descrição de seus

parágrafos, uma vez que períodos de frases mais curtas podem favorecer mais facilmente a compreensão de um assunto tão complexo.

Também as exaustivas referências dos capítulos subsequentes e anteriores tornam a leitura pouco atraente e cansativa. Das duas uma: ou não se menciona que aquele assunto está no próximo capítulo ou traz o próximo para o assunto corrente.

Porém, nenhuma das observações acima são capazes de tirar o brilho e a importância da obra, que muito poderá ajudar aos pesquisadores que se aventurarem ao desenvolvimento e escolha de um método que muito se assemelha com as características da intervenção psicoterapêutica de grupo. Invariavelmente, isso aproxima em muito a figura do pesquisador à do psicólogo e, por este motivo, esse deverá estar atento para não cair nas armadilhas de transformar uma pesquisa em um processo terapêutico.

Recebido em: 30/10/2011

Aceito para publicação em: 16/11/2011